



## HETEROTOPIAS VIRTUAIS: JUVENTUDES LGBT NO FACEBOOK

Carla Lisbôa Grespan<sup>1</sup>

### Resumo

Este texto tem por objetivo apresentar uma parte da análise da Tese “Bota a Cara no Sol”: sociabilidades juvenis LGBT no *Facebook*, na qual discuto e analiso de que modo se constituem as sociabilidades nas redes sociais virtuais e a democracia no ciberespaço, tomando como ponto de partida os conceitos sociabilidade, ciberdemocracia, e precariedade, com o objetivo de vislumbrar as potencialidades destas redes na constituição de novas experiências democráticas não institucionalizadas e que produzam discursos de empoderamento das vidas consideradas menos dignas de serem vividas. As redes sociais virtuais, neste caso o *Facebook* tem se caracterizado, não somente como espaços de sociabilidade, como também espaços de resistência, das juventudes autodeclaradas Lésbica, Gay, Bissexual e Transexual.

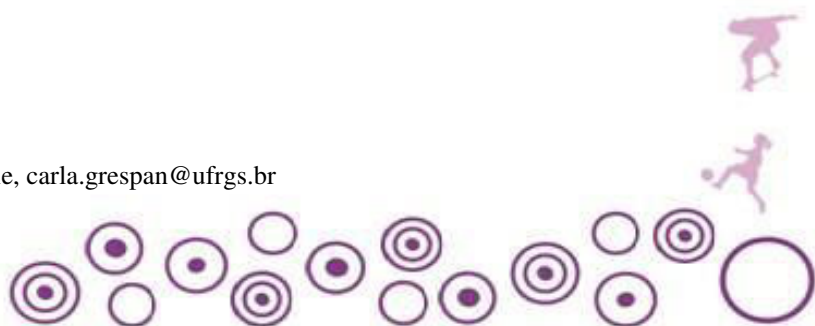
**Palavras-chave:** Juventudes LGBT. Sociabilidades. Ciberdemocracia.

### Introdução

A constituição da “sociedade em rede” deve ser entendida na interação entre duas tendências relativamente autônomas: o desenvolvimento de novas tecnologias da informação e a tentativa da antiga sociedade de se (re)aparelhar através do poder da tecnologia para servir a “tecnologia do poder”. O modo de olhar esta sociedade deve visibilizar seus riscos éticos, ou seja, de que modo as tecnologias virtuais qualificam as trocas comunicacionais, a autonomia, a responsabilidade e a interação das pessoas.

As redes sociais virtuais têm constituído uma multiplicidade de novas práticas de si, o que Zygmunt Bauman (2003) chama de jogo entre a estética da convivência e uma ecologia informacional, ou seja, a busca pela ética ambiental e política para a construção de novas condições de "viver juntos". Assim, pensar as sociabilidades na cibercultura é questionar conceitos pré-estabelecidos, por exemplo, trazer ao debate se as redes sociais virtuais favorecem o imediatismo e de que modo a desmaterialização do tempo, dos territórios e a redefinição dos espaços públicos, políticos e privados garantem, ou não, o reconhecimento das subjetividades.

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação, Universidade La Salle, carla.grespan@ufrgs.br





## Juventudes Conectadas

Viver a juventude é uma experimentação de descobertas emocionantes e ambivalentes que produzem identidades e projetos de vida, sendo a construção performativa, pois se produz na relação com os outros e as normatividades da sociedade, aprendendo a escolher um dos futuros possíveis.

Neste viés seguem os atuais estudos sobre cultura juvenil, que legitimam a categoria juventudes como campo de conhecimento, com estatuto epistemológico próprio, fazendo um deslocamento do sujeito para as subjetividades, pressupondo uma multiplicidade de agenciamentos e possibilitando duas interpretações intercambiáveis, uma onde as juventudes permanecem submetidas a subjetividade repetindo a alienação e a opressão; e outra que se apropria da subjetividade criando novos sentidos. (REGUILLO, 2003; FEIXA et al., 2016; SOUZA, 2016)

As “juventudes digitais” ou “juventudes conectadas”<sup>2</sup> são jovens atraídos pelas tecnologias, utilizando-as para a satisfação de suas necessidades de lazer, comunicação e aprendizagem, dominam com facilidade a usabilidade e a navegabilidade dessas tecnologias e agem na vida cotidiana como manuseiam programas e softwares, resultando em uma vulnerabilidade ao consumo e descarte de objetos e relacionamentos, implicando em novas perspectivas éticas e morais, e em novos estilos de vida com múltiplas possibilidades de comportamentos e estéticas.

## Heterotopias Virtuais


Os lugares virtuais são conceituados por Pierre Lévy (1999) como espaços virtuais ou ciberespaço, lugares desterritorializados que ainda dependem de um suporte físico, mas não de uma concepção de tempo e espaço clássico. A internet é o *locus* da nova configuração espacial, algo que ao mesmo tempo ocupa um espaço e espaço nenhum – um ciberespaço - combinação de informações que constitui novas formas de sociabilidade que produzem novos lugares virtuais denominados como comunidades virtuais - uma cibernociabilidade.

George Simmel (2006), já no começo do século XX, constrói o conceito de sociabilidade, a partir da afirmação de que uma sociedade existe na interação dos indivíduos em seus contextos sociais. Um conceito que pode ser agregado ao de sociabilidade no contexto virtual é o conceito heterotopia de Michel Foucault (2001), o qual se refere a espaços outros, que pertencem ao mundo em geral, mas se afastam do mesmo pelas mudanças que

---

<sup>2</sup> Don Tapscott (2010).





incidem nas normatizações sociais, um local em que a ordem social é colocada em suspenso, espaços de alteridade subvertidos em nome da ética do outro.

A concepção da heterotopia como uma forma de contestação, ao mesmo tempo real e mítica, dos espaços sociais torna-se importante para as pesquisas nas comunidades virtuais (*Facebook*) ao permitir um estudo dos espaços de alteridade, pois se relacionam com diversos lugares não deixando afetar-se pelas regras destes, possibilitando compreender “relações sociais outras”, constituídas nas fissuras das heterotopias, e funcionar com fonte para “manifestações culturais outras”, que conseqüentemente são produtoras de “identidades sociais outras”. Esta concepção torna capaz a associação da espacialização das relações de poder com os “espaços outros” que emergem das páginas das comunidades virtuais, desafiando as representações hegemônicas.

Em múltiplos locais da rede vão se pulverizando as dicotômias - hetero/homossexual, feminino/masculino - abrindo passagem para uma multiplicidade de categorias que desestabilizam as naturalizações sobre sexo biológico, relações de gênero e práticas sexuais. As redes sociais virtuais, dentre elas as comunidades virtuais LGBT no *Facebook*, possibilitam novos arranjos de poder e novas maneiras de estar no mundo, emergindo como “heterotopias virtuais”, lugares que a heteronormatividade é desconstruída e instaurando resistência aos regimes de normalização dos gêneros. (GRESPLAN, 2017).


### **Juventudes LGBT no *Facebook***

A comunicação virtual propõe uma comunicação participativa onde se entrelaça as práticas de autoria e leitura, se fazendo necessário um novo perfil de usuá@ mais consciente e ativ@ que pode e deve ser participativ@. @ nov@ usuá@ investiga, opina, contesta, compara e cria conteúdos a partir de outros. E as redes sociais são ferramentas que aproveitam a internet para a construção de espaços de trocas entre @s usuá@s através da comunicação, da comunidade e da cooperação.

Para Manuel Castells falar em política, significa falar de poder, que nesta “sociedade em rede”, é a comunicação. O poder da comunicação é entendido como “a capacidade estrutural do ator social para impor sua vontade sobre outro(s) ator(es) social(is)”, por outro lado existe o contra poder que é “a capacidade de um ator social de resistir e desafiar as relações de poder institucionalizadas”. Como diria Michel Foucault (2010a), onde há poder existe resistência. (CASTELLS, 2008, p. 2).

Os usos das redes sociais virtuais geraram grandes mudanças na forma de sociabilidade entre os indivíduos e também motivam movimentos terrivelmente reacionários e





conservadores, sendo um jogo constante e interminável de forças que possibilita, ao mesmo tempo, discursos de amizade, de ajuda e de cooperação, quanto a intensificação e a propagação de discursos de ódio e de violência.

A partir dos dados<sup>3</sup> sobre as violências homofóbicas (lesbofóbicas e transfóbicas) para com as juventudes LGBT, posso afirmar que existem comunidades que apresentam graus assimétricos de exposição à condição de precariedade, um valor diferenciado concedido à sua vida humana, um processo de exclusão produzido por concepções normativas do que é humano e pelos temores em relação ao “outro”, constituindo sujeitos sem status civis, multidões de “vidas invisíveis”, de “vidas precárias”, sujeitos não dignos de humanidade. (BUTLER, 2015).

Apesar de existir uma diferença de experimentação entre as comunidades virtuais LGBT com relação @s usuári@s que a compõe, por exemplo, enquanto para “Geração Internet” o importante parece ser experimentar, viver e partilhar, para as gerações anteriores era mais importante se definir, assumir publicamente a homossexualidade, defender os direitos dos homossexuais junto a sociedade. A relação de trocas entre @s usuári@s é equitativa, fazendo com que a “escrita de si” possa ser interpretada como uma nova “tecnologia de si”, uma recuperação da lógica do “cuidado de si”. (FOUCAULT, 1992).

### **Breves Considerações**

Os sujeitos mostram como a liberação da sua palavra na Internet pode transformar a opinião pública em produção cultural através das redes sociais virtuais e como @ cidad@ passa a ser cibercidad@, produzindo uma nova forma de “fazer sociedade” através da construção com novas ferramentas diante de um cenário menos opaco política e culturalmente.


O mapeamento das mídias virtuais, neste caso páginas do *Facebook* de ONGs LGBT, possibilita compreender de que modo a produção discursiva da atualidade, que se constitui a partir do fluxo entre as ruas e a rede, potencializa que determinadas visões de mundo se tornem verdades. Estes discursos são campos de lutas de enunciados antagônicos que pretendem a hegemonia da interpretação da realidade vivida.

Assim, podemos considerar as redes sociais virtuais como um fenômeno social que possibilita as juventudes tornarem-se agentes de novos espaços culturais atravessados por diversos campos de poder/saber, tornando difusas suas fronteiras e necessitando novas alfabetizações que permitam experiências sociopolíticas e que constituam suas subjetividades.

---

<sup>3</sup> Relatório de Violência Homofóbica no Brasil: ano 2013; site [//homofobiamata.wordpress.com](http://homofobiamata.wordpress.com)



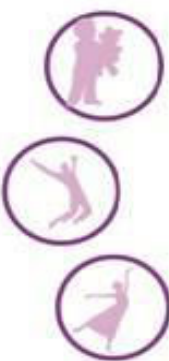


As comunidades do *Facebook* possibilitam um exercício pessoal de leitura e releitura de si por si mesmo e uma abertura de si mesmo ao outro, podendo ser considerada uma nova “tecnologia de si” e um espaço de amizade, desempenhando um papel importante compartilhamento intenso de informações, de pontos de vista, de projetos e de afetos e modos alternativos de viver as performatividades de gêneros e de sexualidades das juventudes LGBT.

## Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- BRASIL, Secretaria Especial de Direitos Humanos - Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos. **Relatório de Violência Homofóbica no Brasil: ano 2013**. Brasília, 2016. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/dados-estatisticos/Relatorio2013.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2016.
- BUTLER, Judith. Por que é que os corpos importam e interessam. Conferência em Lisboa, 2015. **Gênero, sexo e economia: “Somos todos potencialmente precários”**. Reportagem de Joana Amaral Cardoso. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2015/06/03/culturaipilon/noticia/genero-sexo-e-economia-somos-todos-potencialmente-precarios-1697774>>. Acesso em: 20 dez. 2015.
- CASTELLS, Manuel. Comunicación, poder y contrapoder en la sociedad red (I). Los medios y la política. **Telos: Cuadernos de comunicación e innovación**, v. 74, p. 13-24. 2008. Disponível em: <<https://telos.fundaciontelefonica.com/telos/articuloautorinvitado.asp?idarticulo=1&rev=74.htm>>. Acesso em: 27 dez. 2016.
- FEIXA, Carles; VÁZQUEZ, Melina; DOMÍNGUEZ, María Isabel. Acción colectiva, activismos juveniles y Estado en Iberoamérica y El Caribe - Introducción al dossier temático. **Universitas - Revista de Ciencias Sociales y Humanas de la Universidad Politécnica Salesiana del Ecuador**, v. 14, n. 24, p. 85-90, 2016. Disponível em: <<http://universitas.ups.edu.ec/index.php/universitas/article/view/1333/1090>>. Acesso em: 05 jan. 2017.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992. p. 129-160.
- FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos III**. Estética: literatura e pintura, música e cinema. Manoel Barros da Motta (Org.). Trad: Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **A Vontade de Saber: História da Sexualidade I**. São Paulo: Graal, 2010.
- GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Manual para o Uso Não Sexista da Linguagem: o que bem se diz bem se entende**. Porto Alegre: Secretaria de Comunicação e Inclusão Digital. 2014.
- GRESPLAN, Carla Lisboa. Sociabilidades juvenis LGBT(IQ): o *Facebook* e sua Potencialidade para as políticas de performatividades. **Anais do 7º Seminário Brasileiro de estudos Culturais e Educação**. 2017. Disponível em: <[http://www.sbece.com.br/resources/anais/7/1494371809\\_ARQUIVO\\_ArtigoCompleto.pdf](http://www.sbece.com.br/resources/anais/7/1494371809_ARQUIVO_ArtigoCompleto.pdf)>
- LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1999.



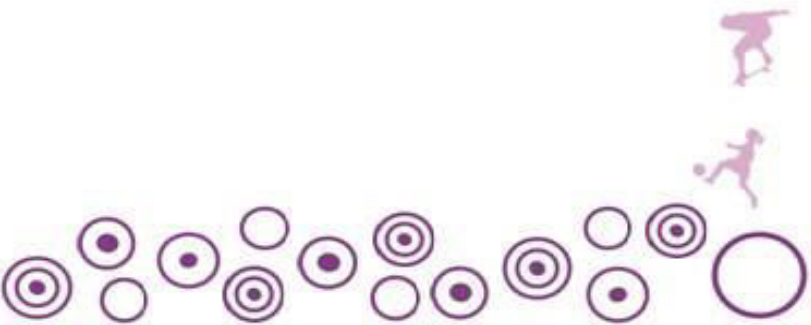


REGUILLO, Rossana. Las culturas juveniles: un campo de estudio; breve agenda para la discusión. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23. maio/agosto. 2003. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a07.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a07.pdf)>. Acesso em: 05 jan. 2017.

SIMMEL, Georg. A sociabilidade. In: **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. trad. Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SOUZA, Marcela Fernanda da Paz de. Cotidiano, cultura e juventude: olhares Intercruzados - Entrevista com José Machado Pais. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 47, n. 1, jan./jun., p. 219-235, 2016.

TAPSCOTT, Don. **A hora da geração digital: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos**. Rio de Janeiro: Agir, 2010.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catálogo na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira  
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

